



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na
cerimônia de inauguração da adutora Helenildo Ribeiro**

Palmeira dos Índios-AL, 14 de julho de 2009

Meu caro companheiro e governador do estado de Alagoas, Teotonio Vilela Filho,

Minha querida companheira Dilma Rousseff, ministra-chefe da Casa Civil,

Senhores ministros Luiz Eduardo Barretto, do Turismo; e Geddel Vieira Lima, da Integração Nacional,

Senhor José Wanderley Neto, vice-governador do estado de Alagoas,
Deputado Fernando Toledo, presidente da Assembléia Legislativa de Alagoas,

Senador Fernando Collor de Mello – eu quero aqui fazer justiça ao comportamento do senador Collor e do senador Renan, que têm dado uma sustentação muito grande aos trabalhos do governo no Senado,

Quero cumprimentar os deputados Antonio Carlos Chamariz, Benedito de Lira, Givaldo Carimbão e Joaquim Beltrão, e dizer que a bancada de deputados federais do estado de Alagoas tem votado, de forma extraordinária, apoiando as propostas que o governo tem mandado para o Congresso Nacional,

Quero cumprimentar o nosso companheiro James Ribeiro, prefeito de Palmeira dos Índios, e sua companheira Jane,

Quero cumprimentar o prefeito de Maceió, Cícero Almeida,

Quero cumprimentar o prefeito da cidade de Quebrangulo – é verdade que ele cedeu o espaço para construir a barragem, reclamou, mas fez a audiência mais demorada que um prefeito já fez com o Presidente e com a Ministra juntos. Ele já reivindicou umas dez barragens ali para a cidade dele.



Quero cumprimentar a vereadora Maria Souza de Queiroz, presidente da Câmara de Vereadores de Palmeira dos Índios, em nome de quem cumprimento todos os vereadores,

Quero cumprimentar o nosso companheiro, o nosso bispo Dulcênio Fontes de Matos, bispo diocesano de Palmeira dos Índios. Quero agradecer a presença dele aqui nesta tribuna e dizer para ele que ontem, até às 10h da noite, eu tive uma reunião com o nosso querido bispo, hoje prefeito do Vaticano, Dom Cláudio Hummes.

Primeiro, [quero] ter uma conversa com os companheiros do chapéu que estão ali. Eu não sei porque a turma do chapéu estava aqui e, de repente, a turma do chapéu foi para lá. Me parece que a grande maioria de vocês são proprietários que estão com problemas de negociação da dívida no Banco do Brasil e no Banco do Nordeste. Eu acho um pouco estranho porque nós fizemos uma grande negociação da dívida mas, como de vez em quando a burocracia nem sempre cumpre aquilo que a gente decide, eu depois queria pelo menos uma comissão dos companheiros entrar aqui dentro para que a gente pudesse ter uma conversa, para conversar com o Banco do Brasil e com o Banco do Nordeste.

Quero cumprimentar cada homem, cada mulher e cada criança aqui presente,

Quero cumprimentar os companheiros da imprensa de Alagoas e da imprensa nacional,

Quero cumprimentar – não sei se tem aqui – moradores de Estrela de Alagoas, Minador do Negrão. Quebrangulo não precisa, porque o prefeito já tirou tudo o que a gente tinha para oferecer.

Mas, companheiros e companheiras,

Mais do que estarmos inaugurando uma adutora chamada Helenildo



Ribeiro, que é muito importante para trazer água de qualidade para vocês. Estava previsto aqui hoje – eu não pude descer na barragem porque choveu muito e o helicóptero é muito grande e a gente poderia ter problema -, mas estava previsto a gente abrir uma torneira aqui para mostrar para vocês a água tratada mas, lamentavelmente, não deu tempo de a gente fazer a obra e a torneira não pôde chegar aqui, e isso me obriga a voltar a Palmeira dos Índios para tomar da água nova que vai vir para esta cidade.

Mas muito mais do que inaugurar a adutora, nós estamos inaugurando um outro jeito de fazer política no nosso País. E por que estamos inaugurando um novo jeito de fazer política no País? Até outro dia, um presidente da República que pertencesse a um partido político, ele não visitaria um governador que pertencesse a outro partido político. Há pouco tempo atrás, um presidente da República que pertencesse a um partido político não faria uma obra em uma cidade em que o prefeito pertencesse a outro partido político. E assim passaram-se décadas e o Brasil foi sofrendo o desmazelo da irresponsabilidade das pessoas que foram eleitas.

Mesmo em uma cidade, era difícil um prefeito fazer uma obra em um bairro que tivesse lá um vereador da oposição. Na verdade, na verdade, ao invés de se governar, se fazia a política do compadrio, a política dos amigos, quando na verdade cada um de nós que é eleito, a gente não tem a irresponsabilidade de colocar a nossa divergência com um prefeito, com um governador, com um deputado, com um senador, acima da nossa obrigação de governar para o povo deste País.

Vocês viram o discurso do companheiro Teo, vocês viram o discurso do companheiro Teo. Eu tenho informação, Teo, que esse teu discurso é feito na minha ausência também, eu tenho informação. Agora, quem viu o discurso do Teo sabe perfeitamente bem que o Teo é um companheiro de um outro partido político, de um partido político que, certamente, terá um adversário para nos enfrentar.



Agora, prestem atenção no que aconteceu aqui. O que aconteceu aqui é que a gente não está pensando em 2010, a gente não está pensando nas próximas eleições. A gente está pensando é que esse povo de Palmeira dos Índios merece ser tratado com dignidade. E trazer água para as pessoas beberem é obrigação nossa, é obrigação nossa, fazer com que o povo tenha acesso à água de qualidade é o mínimo que a gente pode fazer. Eu tenho certeza de que, a partir dessa experiência da criação de um novo jeito de governar este País, quem vier depois de mim não será mais mesquinho, quem vier depois de mim terá como paradigma um outro padrão. É um padrão de respeito ao nordestino, é um padrão de respeito a esse povo do Nordeste que, ao longo de séculos, foi tratado como se fossem homens e mulheres de segunda classe, que aos anos, aos anos e mais anos, foram desrespeitados. É no Nordeste que tem menos doutores, é no Nordeste que tem menos mestres, é no Nordeste que tem menos escolas, é no Nordeste que tem mais analfabetos, é no Nordeste que tem mais mortalidade infantil, é no Nordeste que tem mais gente recebendo Bolsa Família. Ou seja, é preciso olhar o mapa do Brasil e olhar o menor estado do Nordeste com a mesma importância que a gente olha o maior estado do Sudeste neste país.

Eu não tenho nada contra nenhum estado do Sul. Não tenho nada contra o Sudeste. Aliás, devo tudo que eu sou a São Paulo, porque foi lá que eu fui criado depois dos sete anos. Foi lá que eu tive um curso profissional e foi de lá que eu tive consciência política. Mas para presidir este País, eu tenho que presidir não com o olhar de um governante, apenas. Não governar apenas com a minha consciência. Eu tenho que governar com o coração também e saber que nós precisamos recuperar o Nordeste brasileiro.

Fazer mais investimentos aqui e governar significa a gente agir como a mãe age. Uma mãe, se ela tiver três filhos, ela pode ter dois mais bonitos, mas se ela tiver um fraquinho que está doente, é daquele fraquinho que ela vai cuidar, que ela vai priorizar, que ela vai ter mais cuidado. É assim que nós



vamos recuperar o Nordeste brasileiro. É assim que nós vamos fazer Alagoas, Pernambuco, Paraíba, Rio Grande do Norte, Ceará, Piauí, Maranhão. É assim que a gente vai fazer esses estados, daqui a 15 ou 20 anos, estarem iguaizinhos a São Paulo, Rio Grande do Sul, Minas Gerais, Santa Catarina. E aí, não tem outro jeito: é fazer investimento, primeiro em educação.

Aqui em Palmeira dos Índios, deve ter muito jovens no ProUni. Jovens, são mais de 1.500 jovens. Por quê? Porque é a oportunidade que a gente tem de permitir que uma criança pobre, um adolescente fazer um curso universitário e que não seja privilégio de rico estudar em universidade neste País. É na formação, é na formação da juventude que a gente vai apontar qual é o Brasil que a gente quer criar para a próxima década ou para o próximo século. Não é apenas fazendo uma ou outra obra, é fazendo um conjunto de medidas. É por isso que o Nordeste brasileiro hoje se apresenta em qualquer pesquisa como a região em que o povo mais pobre está consumindo mais. Muita gente, muita gente, quando nós criamos o Bolsa Família, falou que era esmola. Mas quem fala que é esmola, normalmente é gente que não precisa do Bolsa Família.

Eu vi na televisão, um dia desses, uma mulher dizendo que antes do Bolsa Família, era ela que estava sustentando duas netas. Antes do Bolsa Família, ela comprava um lápis e partia no meio, para que cada neta fosse para a escola com metade do lápis. Hoje, por causa do Bolsa Família, ela pode comprar uma caixa de lápis para cada neta. Certamente, para alguém que pode tomar uísque, champanhe, e dar de gorjeta R\$ 100, o Bolsa Família é muito baixo, mas para uma dona-de-casa que tem três ou quatro filhos, que pega R\$ 80, R\$ 90 ou R\$ 100 e vai na feira, ela traz comida para sustentar durante um tempo os seus filhos. E nós fazemos isso exatamente para que a gente garanta, aos poucos, uma ascensão da parte mais pobre deste país.

É por isso que estamos fazendo 14 universidades novas. É por isso que estamos fazendo 105 extensões universitárias. É por isso que estamos fazendo 214 escolas técnicas, porque nós precisamos formar a juventude deste país.



Uma mulher com profissão vale muito; sem profissão, ela fica dependendo do marido, ela fica dependendo do marido. Se precisar de dinheiro para comprar uma meia, tem que pedir para o marido, se precisar de dinheiro para comprar um batom, tem que pedir para o marido. Por isso, a mulher tem que aprender uma profissão, porque com uma profissão ela vai trabalhar, vai ganhar o seu salário e vai poder andar de cabeça erguida dentro de casa. Ela vai morar com o seu marido porque gosta dele, e não porque depende dele. É muito diferente.

Da mesma forma é o jovem, o menino. O menino sem profissão não vale nada. E eu sei a diferença disso, eu sei a diferença da minha vida quando eu me formei torneiro mecânico. Você, com uma profissão, você procura emprego, você entrega currículo, você é convidado e você entra na fábrica ganhando mais. Sem profissão, chegar na porta de uma fábrica e dizer: “o que você sabe fazer?” “Nada”. As pessoas nem querem saber o endereço e quando as pessoas contratam é para pagar o salário mínimo. Então, é importante vocês, jovens de Palmeira dos Índios, fazerem todo o esforço neste momento que vocês estão jovens, porque quando a gente é jovem, a gente não pensa em ficar doente, a gente não pensa o que vai acontecer depois de casado, a gente não pensa em muita coisa na vida. A gente só vai pensar quando a gente casar, que tiver filhos, que a gente vai ver o que a mãe da gente passou para criar a gente e o sofrimento que nós demos para ela.

Pois bem, este novo Brasil está se consolidando. Hoje o País vive um momento excepcional. Eu posso dizer para vocês que há mais de 30 anos o Brasil não via a quantidade de obras que ele está vendo hoje. Não tem um município deste país que não tenha, direta ou indiretamente, uma obra do PAC. Não tem município, que seja base regional, que não tenha uma escola técnica ou uma extensão universitária. E para nós tudo isso ainda é muito pouco porque nós queremos fazer muito mais.

A agricultura familiar, quando nós entramos no governo eram apenas 2 bilhões de financiamento. Este ano foram R\$ 15 bilhões de financiamento para



a agricultura familiar. Fizemos o programa de financiamento de trator para a agricultura familiar. Aí tem um dado extraordinário, Governador. Nós lançamos o Plano em julho do ano passado para financiar 60 mil tratores de 78 cavalos para a agricultura familiar. Em maio deste ano, nós já tínhamos vendido 11 mil tratores. Esses 11 mil tratores representavam 75% de toda a produção da fábrica de tratores no País, e com financiamento para pagar em dez anos, dois anos de juros, com três anos de carência. O que o nosso Banco do Nordeste está fazendo com o Credi Amigo? O que o Banco do Brasil está fazendo com o DRS? Pela primeira vez, as pessoas mais pobres estão sentindo o dedo do governo para ajudá-las no interior mais longínquo deste país.

Por isso, Teo, eu quero lhe dizer, e dizer com muito carinho, que o Brasil agora aprendeu a olhar o Nordeste de outro jeito. Se você pegar a história dos presidentes da República deste país, você vai perceber que, na grande maioria, os presidentes iam de São Paulo ao Rio e a Brasília, de São Paulo ao Rio e a Brasília. Não era habitual, neste país, os presidentes percorrerem o Brasil. Além do Collor, que é de Alagoas, o último presidente a vir aqui foi Juscelino Kubitschek, há mais de 50 anos. Ora, não é possível. Não é possível, porque se o presidente da República não tiver coragem de olhar na cara do povo, sentir o drama do povo e conhecer as lamúrias e as agruras deste povo, o Presidente não consegue governar.

Aqui, cada um que vive em Brasília sabe: o mundo de Brasília não é o mundo real. De Brasília a gente não consegue governar, porque em Brasília, sobretudo no Plano Piloto, é tudo mais ou menos maravilhoso, não tem problema. Agora, ser presidente da República deste país é conhecer como vive o povo nas entranhas deste país. Aquele povo que não tem sindicato, aquele povo que não tem acesso à imprensa, aquele povo que não tem acesso ao prefeito, aquele povo que vive esquecido como se ninguém se lembrasse dele. Só na época das eleições... Na época das eleições pobre tem um valor incomensurável. A coisa mais habitual, em época de eleição, é a gente ver



candidato xingar banqueiro, xingar grande empresário, xingar usineiro, e o povo é maravilhoso. Passadas as eleições, o povo nunca mais é chamado para nada, nunca mais é chamado para nada.

Isso mudou, meus companheiros, isso mudou. Vocês estão lembrados que eu disse que uma das coisas que eu queria fazer no Brasil era mudar a relação Estado-sociedade, governo-sociedade, para que o povo mais pobre se sentisse governante deste país. Aquele Palácio do Planalto, que antes só recebia grandes banqueiros, grandes empresários, príncipes, reis e governantes, hoje recebe catador de papel, hoje recebe os portadores de deficiência. No dia em que eu levei os portadores de deficiência visual com os cães-guia lá dentro do Palácio, acharam que era uma loucura eu levar cachorro para dentro do Palácio. Só que os ignorantes, que criticaram, não sabiam que aquilo não era um cachorro: aquilo eram os olhos de uma pessoa que não estava enxergando e que, portanto, tinha direito de andar lá dentro. Este país, este país nunca mais voltará ao atraso a que ele foi submetido, nunca mais. Este país, nós temos que lembrar que os negros, que os índios, que as minorias têm que ser tratadas em igualdade de condições. Não tem ninguém maior e ninguém menor. Todos nós somos brasileiros e precisamos ser respeitados.

E para isso companheiros, para isso eu quero dizer aqui a vocês, com todo carinho. Está chegando o ano eleitoral e eu não posso falar de eleição. Mas eu só vou dizer uma coisa para vocês. Podem escrever: eu vou fazer, eu vou ajudar a eleger a minha sucessora neste país. Ou sucessor. Por quê? Porque nós não temos o direito... vocês viram o Governador falar, o Prefeito falar. Antigamente... vejam uma coisa, o Collor começou o Canal do Sertão. Normalmente, as obras começavam com uma emenda parlamentar. Você pegava 30 milhões e colocava na obra. No ano seguinte, não tinha mais a emenda parlamentar, não tinha dinheiro, a obra parava. No outro ano, não tinha mais dinheiro, a obra parava. Dois anos depois, os deputados colocavam



mais uma emenda, andava mais um pouquinho. Mas cada vez que você para e cada vez que você começa, fica mais caro. Fica mais caro porque as empreiteiras levam as máquinas embora, ela manda os trabalhadores embora, depois tem que começar tudo de novo. O que nós fizemos? Vamos colocar o Canal do Sertão no PAC. Vamos colocar no PAC, porque aí não depende de emenda parlamentar, depende de dinheiro do orçamento.

Agora, nós ainda não vencemos todos os obstáculos, não vencemos. Porque tem hora que você tem o Ministério Público, que para uma obra. Tem hora que você tem a legislação ambiental, que para uma obra. Tem hora que você tem a sacanagem de uma empresa que perde a licitação e entra na Justiça para embargar a obra. E quem vai sofrendo com isso, quem é? Quem vai sofrendo com isso são as mulheres e os homens pobres deste país que têm necessidade, vêem que o governo tem dinheiro e vêem que as obras estão paradas.

Por isso, companheiros e companheiras, eu quero agradecer a vocês o carinho e quero dizer para vocês que vocês precisam ser mais ativos. O povo não pode ficar em casa apenas não querendo conhecer quem é candidato. Não quer conhecer quem é candidato, vereador, prefeito, deputado, governador, presidente. Chega na época das eleições, a gente vota no primeiro que dá um papelzinho para a gente. No dia seguinte, a gente não lembra em quem votou, e depois a gente já começa a xingar o político. É importante a gente saber que nós temos que ter uma participação mais ativa, para a gente eleger e para a gente cobrar. E eu tenho certeza que esta Palmeira dos Índios, chamada “a princesa do sertão”... vejam que engraçado, no avião, o Governador falou para mim: “Presidente Lula, isso aqui não parece a Suíça brasileira?” Aí eu falei: Teo, nem tanto. Não exagere, porque a Suíça brasileira, pelo que eu sei, é Garanhuns. Agora, como eu acho que o povo de Palmeira dos Índios é igual ao povo de Garanhuns, as duas cidades serão a Suíça brasileira.

Um abraço e até outro dia, se Deus quiser.



**Presidência da República
Secretaria de Imprensa
Discurso do Presidente da República**

(\$211A)